

A OFERTA TURÍSTICA REVITALIZADORA DOS NÚCLEOS HISTÓRICOS Lisboa do séc. XXI – Turismo cultural das sete colinas

Isadora Ramos dos Santos

Faculdade de Arquitectura de Lisboa – Universidade Técnica de Lisboa, Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design

Orientador: Doutor Carlos Jorge Henriques Ferreira

Mail: isa_ramos123@hotmail.com; ramos.isa123@gmail.com

RESUMO

A degradação da paisagem urbana e do património dos núcleos históricos é uma problemática complicada na medida em que a cidade é um sistema complexo que engloba a vertente económica, social e ambiental. Da articulação entre as dinâmicas do sector turístico e a salvaguarda e divulgação do património poderá resultar um contributo importante para estabelecer um conjunto de critérios para a revitalização de núcleos históricos.

A revitalização urbana valorizando a imagem urbana, os seus valores simbólicos, sociais e culturais inerentes à percepção que os indivíduos têm da cidade possibilitará definir políticas públicas que permitam melhorar as condições de vida de habitantes, utilizadores e turistas.

O caso de estudo são as sete colinas de Lisboa. O território apresenta uma diversidade de património nacional e até património imaterial da humanidade, revelando-se de interesse extremo ao nível do urbano-arquitectónico nomeadamente no que diz respeito à revitalização de núcleos históricos, com potencial turístico.

Palavras chave: Núcleo histórico, Turismo, Revitalização

ABSTRACT

The current degradation of the urban landscape and historical patrimony of the city, is a complicated problem which stems from the inherent complexity raised by each city, encompassing economical, social and environmental questions that need to be addressed in order to achieve a solution.

Combining the tourism sector with the protection and promotion schemes of these historical landmarks it would be possible to obtain a synergistic contribution from these two areas to formulate criteria that would revitalize these historical city centers.

Public policies directed towards this urban rejuvenation can be shaped using individuals views, their symbolic, social and cultural values that they have of their city, with the ultimate goal of improvement of living conditions of the population, users and tourists.

Our case study encompasses the seven hills of Lisbon. This area contains a diversity of national cultural patrimony at the national and intangible cultural heritage level. Due to these factors, it becomes a highly interesting region for urban-architectural studies with respect to the rejuvenation of these historical centers with touristic potential.

Keywords: Historical Centers, Tourism, Rejuvenation

1 A IMAGEM URBANA E OS SEUS VALORES SIMBÓLICOS, SOCIAIS E CULTURAIS

O mundo está sujeito à globalização, tornando-se essencial honrar a diversidade da memória colectiva da Humanidade, pois é na diversidade de culturas e património que reside a sua riqueza.

As cidades contam a história das sociedades passadas, em particular os centros históricos onde se polarizavam as funções sociais, económicas, cívicas e patrimoniais. Segundo Teresa Salgueiro os centros históricos constituem-se como uma “sucessão de testemunhos de várias épocas, monumento que nos traz vivo o passado, nos dá a dimensão temporal com a sequência dos factos que estruturam as identidades”.

O território urbano transforma-se, embora muitas vezes não evolua de modo a satisfazer as necessidades dos residentes e potenciais visitantes, e muitos são os núcleos históricos degradados em Portugal.

Os núcleos históricos, são “conjuntos urbanos com interesse histórico cuja homogeneidade permite considerá-los como representativos de valores culturais, nomeadamente históricos, arquitectónicos, urbanísticos ou simplesmente afectivos, cuja memória importa preservar” (DGOTDU, 2005, p.129)

O estudo detalhado da imagem, identidade, história e cultura de um determinado local pressupondo a análise dos factores fundamentais que levaram à degradação, apropriação e inserção dos núcleos históricos na transformação urbana, pode conduzir-nos a conclusões relevantes que sejam, por si só, factores para possível alteração da situação existente.

São as cidades que vão decidir a capacidade de desenvolvimento económico dos países, a transformação das sociedades e o futuro ecológico do planeta. A consciência desta realidade tem levado à classificação de objectos arquitectónicos ou até mesmo territórios, definindo um conjunto de medidas de protecção do património.

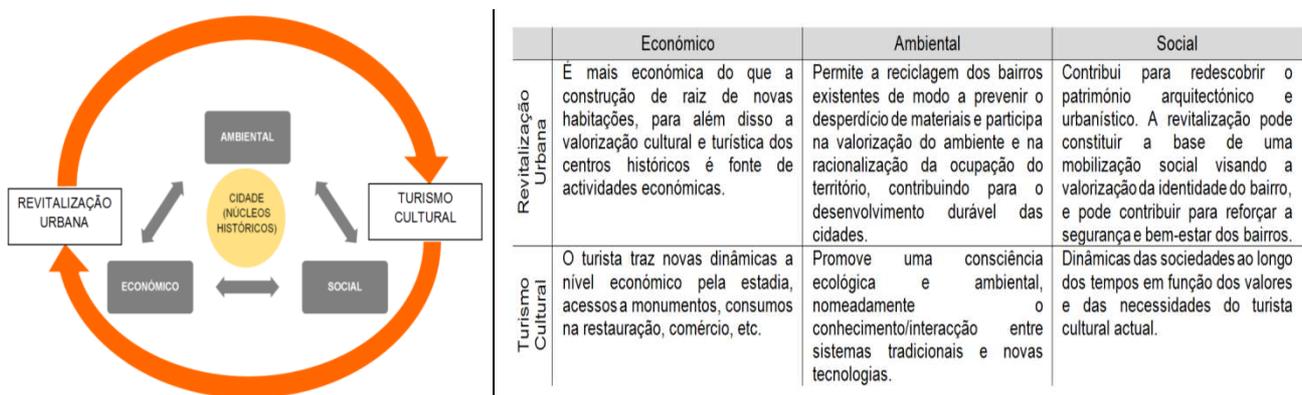


Fig. 1 – Organograma/tabela da relação entre revitalização urbana e turismo cultural.

Projectistas, autarcas e proprietários devem ter o conhecimento das pré-existências socioculturais e urbanístico-arquitectónicas para que estas possam e devam ser respeitadas, defendidas e revalorizadas tanto ao nível das políticas públicas de revitalização urbana como nas políticas de dinamização do sector turístico.

2 POLÍTICAS PÚBLICAS DE REVITALIZAÇÃO URBANA

Em território nacional ao longo dos últimos anos muitas têm sido as políticas e os planos desenvolvidos de modo a dar resposta à problemática da degradação de diversos núcleos urbanos, sendo necessário uma abordagem mais sistémica e coerente.

As políticas de revitalização têm por base três princípios fundamentais: Promover a diversidade económica e social, de modo a desenvolver meios de vida dinâmicos e agradáveis para residentes, utilizadores e turistas; Implementar projectos de desenvolvimento estratégicos entre diferentes territórios; Definição de objectivos, considerando os problemas e as oportunidades do território no mesmo processo de planeamento e decisão estratégicos.

Muito tem sido feito, mas muito está ainda por fazer, e é essencial compreender os factores que levam à degradação dos núcleos históricos, nomeadamente:

- Edifícios públicos e privados em mau estado de conservação e/ou desocupados;
- Os edifícios de habitação não se encontram adaptados aos padrões actuais de habitabilidade;
- Desadequação de vias e falta de estacionamento;
- Degradação das redes de infra-estruturas;
- Problemas de segurança, devido ao fraco poder económico da maioria da população que reside nesses locais e falta de policiamento;
- Carência de espaços públicos de qualidade que satisfaçam a população, promovendo actividades lúdicas que permitam o convívio e bem-estar da população;
- Decadência do comércio tradicional;
- Desertificação nocturna;
- Equipamentos culturais insuficientes ou desadequados, assim como a criação de eventos temáticos que dinamizem os núcleos históricos.

É urgente a revitalização urbana de modo a assegurar a “reciclagem” de uma parte importante do parque imobiliário que constitui os núcleos históricos urbanos, de modo a:

- Melhorar as condições de vida dos moradores, através de intervenções sobre as infra-estruturas, sobre o construído, sobre os equipamentos do bairro e sobre o desenvolvimento de actividades locais;
- Fortalecer a vitalidade dos bairros através do reforço da miscigenação funcional;
- Contribuir para o equilíbrio da cidade reduzindo os fluxos pendulares, fixando a população no centro e desenvolvendo actividades terciárias nas periferias; contribuir para a redução dos desperdícios em materiais de energia, preservando ao máximo o construído;
- Devolver a dignidade aos bairros e seus moradores, invertendo a tendência para a sua degradação, valorizando os bairros e levando assim os seus moradores a ter orgulho nos mesmos;
- Valorizar a identidade do bairro através de descoberta das suas características e cuidar da conservação do seu suporte físico e procurar desenvolver uma consciência cultural.” (URB-AL, 1998, p124)

No processo de revitalização de núcleos históricos urbanos é fundamental a procura do aumento da produtividade e competitividade, modernizar o sector público e privado e maior coesão social e ambiental.

3 POLÍTICAS DE DINAMIZAÇÃO DO SECTOR TURISTICO

Desde a publicação do Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT) em 2006 que este documento tem sido uma referência para o Turismo em Portugal no “(...) *investimento público e privado, na dinamização das acessibilidades, na qualificação dos recursos humanos, no desenvolvimento dos produtos e dos destinos e na promoção externa*” (PENT, 2015, p5)

No período actual de crise nacional e internacional qualquer elemento que seja visto como dinamizador da economia nacional é uma mais-valia para o Estado e, conseqüentemente, para toda a população. Na verdade, actualmente em Portugal, o sector do turismo, é um dos principais impulsionadores do desenvolvimento regional no nosso país, e lidera as exportações, sustentabilidade, inovação e na oferta de emprego.

Pode-se considerar o turismo como factor fundamental para o desenvolvimento económico, social e cultural de um determinado local, através do ordenamento do território, ambiente, desenvolvimento rural, salvaguarda do património, saúde, actividades desportivas, infra-estruturas e acessibilidades.

De 2006 a 2013 é notória a evolução do turismo nomeadamente no investimento público e privado no sector, as novas rotas de interesse turístico a nível nacional, oferta nos produtos turísticos, criação de eventos e promoção/divulgação de Portugal enquanto destino turístico diversificado e consistente no mercado interno e externo.

A implementação do PENT baseia-se em cinco eixos principais que se subdividem-se em onze princípios, conforme tabela seguinte:

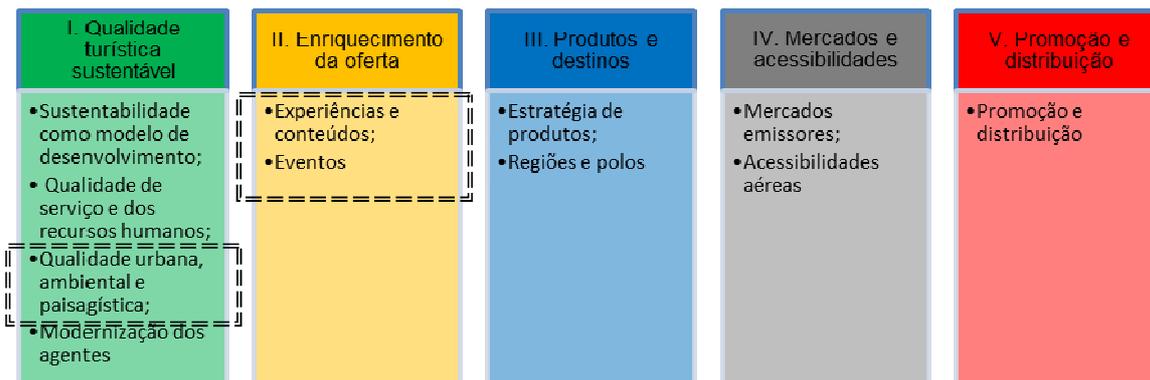


Fig. 2 – Tabela dos objectivos do PENT

A oferta turística deverá ir ao encontro das novas tendências a nível internacional e os destinos e produtos deverão satisfazer as necessidades do turista dos nossos dias devendo haver uma maior preocupação com a qualidade urbana, ambiental e paisagística e o enriquecimento da oferta por meio de experiências, conteúdos e eventos que promovam os valores simbólicos, sociais e culturais de cada lugar.

O perfil dos turistas vai-se alterando e as cidades deverão evoluir de modo a satisfazer as suas necessidades, salvaguardando sempre a identidade do local. “Esta cidade do século XXI não pode ser senão diversidade e portanto compromisso entre as procuras e as práticas variadas (...)” (ASCHER, 2010, p.108)

A intervenção urbana ao nível da melhoria da qualidade urbana, ambiental e paisagística deverá ser reforçada como forma de melhorar a atractividade dos principais destinos turísticos, considerando o PENT, três áreas de actuação (tabela seguinte):

Urbanismo	Ambiente	Paisagem
<ul style="list-style-type: none"> - Incentivo à recuperação e preservação da autenticidade dos centros históricos; - Fomento à criação de zonas pedonais, espaços verdes e esplanadas nos centros das cidades e ciclovias dentro e fora dos espaços urbanos; - Estimulo à conservação de edifícios históricos e museus e à recuperação de edifícios abandonados; - Impulso à melhoria da iluminação dos monumentos de interesse. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apoio de acções de despoluição do solo e cursos de água; - Auxílio na definição de medidas de controlo dos níveis de poluição atmosférica e sonora; - Enfoque na eliminação de esgotos sem tratamento; - Assistência e incentivo à definição de medidas tendo em vista a limpeza das beiras das estradas e das zonas turísticas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Garantia de uma paisagem conservada nos principais pontos de interesse turísticos; - Promoção da arborização em espaços rurais e urbanos e seu arranjo paisagístico; - Adopção de medidas que incentivem a substituição de edifícios em altura junto à costa por estruturas com volumetrias menores, no quadro de operações de requalificação; - Ao nível dos instrumentos de gestão territorial / outros devem introduzir-se mecanismos de incentivo à realização e requalificação da oferta turística, bem como à dos atuais espaços de ocupação turística degradados.

Fig. 3 – Qualidade urbana, ambiental e paisagística (PENT)

4 CASO DE ESTUDO – LISBOA DAS 7 COLINAS NO SÉC XXI

A posição de Lisboa no espaço europeu, faz dela um local privilegiado das relações euro-atlânticas. No entanto, a sua localização só por si, não chega. Por motivos de competitividade, é preciso criar actividades económicas e serviços avançados, em paralelo com a valorização urbanística e ambiental do território lisboeta.

O caso de estudo são as sete colinas de Lisboa no século XXI. Devido à diversidade do território em análise quase que podemos dizer que estamos perante um caso de estudo que se subdivide em sete realidades distintas.

É fundamental desvendar a cidade, compreender as especificidades de cada lugar de modo a que as intervenções urbanas consigam recuperar, salvaguardar e promover a identidade da cidade.

O presente ponto tem como objectivo a descrição sumária de cada uma das colinas, no que diz respeito aos pontos de interesse e o seu potencial turístico.

Considera-se então que a cidade de Lisboa apresenta as sete colinas conforme representado na figura seguinte:

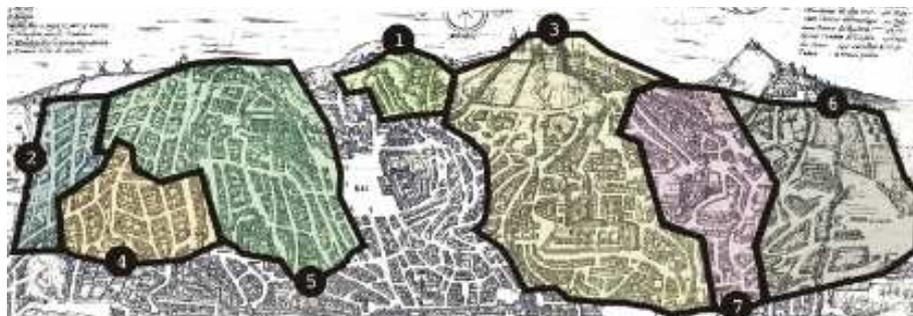


Fig. 4 – Esquema das sete colinas de Lisboa

4.1 Colina de Sant'Ana – Anunciada

Colina com diversos conventos, os quais a partir dos finais do séc. XVIII passam a ser utilizados como instalações hospitalares (S. José, Sta. Marta, Capuchos, Desterro e Miguel Bombarda). Actualmente, prevê-se o encerramento dessas unidades hospitalares de grande valor urbano-arquitectónico, tratando-se do maior e mais importante conjunto de património e instituições de saúde e medicina do país. Assim sendo, o destino da Colina de Sant'Ana, encontra-se em processo de revitalização e em debate público. A oportunidade de intervenção urbana num território central e de grande escala (16 hectares) poderá ser um agente de mudança para toda a cidade. A revitalização de um núcleo histórico central poderá ser um contributo para a criação de novas dinâmicas na estrutura urbana e de oportunidades para o sector turístico.

4.2 Colina de Santa Catarina – Camões

Destaca-se a Praça Luís de Camões com a estátua ao mais ilustre poeta português e o Miradouro de Santa Catarina. Nesta localiza-se o bairro da Bica onde existe o elevador da Bica, um dos símbolos da cidade e que faz a ligação entre a Bica e Santa Catarina ou o Bairro Alto. É um dos bairros mais típicos a nível dos festejos de Santo António. A arquitectura religiosa barroca está presente na igreja de Santa Catarina, antigo convento dos Paulistas.

4.3 Colina de São Jorge – Mouraria

Terá sido esta colina o berço da ora Lisboa e nela se situa o imponente Castelo de São Jorge. Sobressaem, também outros edifícios singulares como o Palácio de Belmonte e o Palácio da Azurara. Aprazíveis passeios se podem fazer pelo Largo do Contador-mor, Largo de Santa Luzia, Jardim Júlio de Castilho ou Miradouro das Portas do Sol. Nesta colina damos particular destaque ao caso da Mouraria, bairro típico da cidade com problemas de degradação urbano-arquitectónica, salubridade e integração social, e que tem sido objecto de intervenção por parte de acordos entre associações locais e a Câmara Municipal de Lisboa. A revitalização de edifícios habitacionais e de carácter histórico-cultural como a Casa da Severa (casa de fado) e do espaço público como o Largo do Intendente ou o Largo do Martim-Moniz, tem-se revelado de importância extra para os habitantes e para todos os lisboetas.

4.4 Colina das Chagas – Carmo

Nesta colina, destaca-se o Largo do Carmo com o Convento, a Igreja e o Museu do Carmo. Ao lado encontra-se o elevador de Santa Justa, atracção turística dado tratar-se de um elevador centenário, o único elevador vertical que presta um serviço público e que foi concebido por um discípulo de Gustave Eiffel, mantendo por isso um estilo arquitectónico peculiar. No topo do elevador deparamo-nos com uma belíssima vista sobre a Baixa Pombalina. O Largo do Carmo e os edifícios que o compõem é frequentemente palco de diversas actividades culturais.

4.5 Colina de São Roque – Bairro Alto

A Colina de São Roque é onde se localiza o Bairro Alto. Bairro com 500 anos, que se caracteriza pela malha urbana ortogonal, com organização hierárquica de ruas que se distribuem perpendicularmente ao rio e edifícios estreitos com traçado arquitectónico típico. Destaca-se a Igreja e o museu de São Roque ou os Palácios Andrade e Ludovice. No miradouro de São Pedro de Alcântara, sobressai o Palacete das Laranjeiras e assim como a vista de toda a Baixa Pombalina e do Tejo.

O Bairro Alto é um dos bairros mais paradigmáticos, que consegue combinar modernidade com tradição; desde os restaurantes tradicionais aos bares mais inovadores, das lojas de roupa e de design sofisticadas ao comércio tradicional, etc. É o ponto de encontro, essencialmente à noite, de pessoas, num ambiente eclético e multicultural. Descendo o Bairro Alto no sentido do rio deparamo-nos com mais uma área da cidade com revitalização recente, o Cais do Sodré. A transformação da rua principal do Cais do Sodré transformou as vivências nocturnas dessa zona da cidade, reduzindo a problemática de segurança da zona.

4.6 Colina de São Vicente – Alfama

Aqui se situa o fadista bairro de Alfama com diversos pontos de interesse como o Convento de São Vicente de Fora, o Panteão Nacional, a Sé de Lisboa ou o Largo do Chafariz de Dentro. Destaca-se ainda o Miradouro das Portas do Sol e o Miradouro de Santa Luzia, um dos mais bonitos pela decoração com azulejos do séc. XVIII. A nível do comércio salienta-se a centenária feira da Ladra, que desde o início do século XX, tem funcionado como "flea-market", como internacionalmente são conhecidos estes mercados, e está localizado em Santa Clara.

A Colina de São Vicente (Alfama) distingue-se por ser uma pequena aldeia medieval no meio da cidade. Alfama destaca-se pelos becos e largos, escadas, ruas estreitas, arquitectura típica lisboeta, comércio tradicional e acima de tudo pela vida nocturna existente em torno das casas de fado. Diz-se que Alfama é fado, e talvez por isso se localize aqui o Museu do Fado. Alfama é considerado o bairro mais seguro de toda a cidade e é frequentado diariamente por turistas portugueses e estrangeiros, principalmente à noite, com o objectivo de conhecer um pouco da alma do fado, a também chamada canção de Lisboa.

4.7 Colina de Santo André – Graça

Lugar de muitos palácios, sobressaindo o Palácio dos Condes de Figueira, a Capela e o Miradouro de Nossa Senhora do Monte, assim como a Igreja, o Convento, o Jardim e o Miradouro da Graça. Diz-se que da Colina de Santo André (Graça) se pode observar o melhor pôr-do-sol da cidade, observando o Castelo, a Baixa lisboeta, o Bairro Alto, o Parque Florestal de Monsanto e o rio Tejo.

Na Colina de Santo André temos ainda o Bairro Estrela de Ouro cujo conjunto edificado se caracteriza por ser tipicamente operário.

5 RESULTADOS E PERSPECTIVAS

O caminho para o sucesso do processo de revitalização do território de estudo, passa por preservar e valorizar a identidade histórico-cultural do local, garantir a modernização, apostar na coesão social, projectar a sua dimensão de capital, potenciar o exercício de uma cidadania alargada e criar dinâmicas de sustentabilidade a nível económico e ambiental.



Fig. 5 – As sete colinas de Lisboa

Do estudo elaborado observou-se que o território apresenta duas realidades distintas: núcleos degradados ou até mesmo abandonados em oposição a espaços nos quais têm vindo a ser desenvolvidos processos de revitalização e cujos resultados têm sido notórios para o bairro e para toda a cidade.

No entanto, não basta intervenções pontuais, é necessário uma política de conjunto, estabelecer objectivos e criar elementos de ligação entre os diversos núcleos históricos urbanos, como é o caso das sete colinas que constituem a cidade de Lisboa.

Da oferta turística que as sete colinas oferecem destaca-se a diversidade, qualidade e quantidade de oferta cultural (museus, monumentos e eventos), parques e miradouros, comércio, vida nocturna, cafés e esplanadas tradicionais, alojamento e gastronomia.



Fig. 6 – Esquema - sete colinas e oferta turística

Salienta-se ainda, que a dinamização urbana por meio do turismo através da criação de redes ou roteiros turísticos temáticos das colinas traria novas vivências urbanas. Sugere-se que esses circuitos estejam assinalados na cidade por meio de elementos no pavimento ou nos edifícios, disponibilizados em mapas a distribuir nos postos de turismo, como é o caso da cidade de Hannover ou os circuitos de Fátima-Santiago de Compostela. A sinalética informativa também deverá ser tomada em conta: indicações de destinos assim como painéis nos locais singulares de informação histórico-cultural. Como perspectiva de desenvolvimento da investigação existe ainda, a possibilidade da criação de um sistema que permita ao turista criar um roteiro personalizado de acordo com os seus interesses culturais.

A relação entre a revitalização urbana e as dinâmicas do turismo é um sistema de reciprocidade, na medida em que: os fluxos turísticos a criar deverão contemplar estratégias de revitalização urbana e a revitalização pode originar “novas” ou renovadas áreas históricas de interesse turístico.

A revitalização, com base nas dinâmicas do turismo, pode ajudar a superar alguns dos grandes desafios que os núcleos históricos urbanos nacionais enfrentam, funcionando como impulsionadores de territórios que perderam a sua vitalidade. A nível social (criação de novas vivências sociais), a nível económico (dinâmicas no comércio, restauração, hotelaria, criação de infra-estruturas e acessibilidades, etc.) e a nível ambiental (repensar espaços públicos encontrando soluções sustentáveis para as problemáticas ambientais de cada lugar).

6 CONCLUSÕES

Necessitamos de salvaguardar e divulgar a nossa cultura, só assim poderemos estar à altura dos desafios actuais e futuros. A revitalização de núcleos históricos que se encontram extremamente degradados ou até mesmo abandonados, deverá estabelecer o diálogo entre o passado, presente e futuro do local.

O turismo pode ser um factor fundamental para o desenvolvimento económico, social, ambiental e cultural de um determinado local, proporcionando a salvaguarda do património, pressupondo a existência de infra-estruturas e acessibilidades, desenvolvendo actividades culturais, lúdicas e desportivas, apoio à saúde, conduzindo ao desenvolvimento de territórios degradados, ao ordenamento do território e promovendo ainda políticas públicas de revitalização urbana.

A valorização da cidade de Lisboa, deverá passar, pela questão da revitalização urbana dos núcleos históricos centrais como Alfama, Mouraria, Bairro Alto, Castelo, entre outros, procurando o equilíbrio entre as dinâmicas do turismo e a salvaguarda da identidade local.

Da análise no terreno é notório o esforço cada vez maior que o governo e a população têm feito por manter e valorizar a cidade. Lisboa das sete colinas é um “laboratório urbano” onde tudo parece estar a acontecer em simultâneo na cidade, revitalização dos espaços públicos, reabilitação de imóveis públicos e privados, novas infra-estruturas, preocupação crescente com as questões ambientais, criação de mais e melhor alojamento, assim como uma nova visão da importância do rio para a cidade. Destacam-se ainda, os eventos (culturais, gastronómicos, desportivos, etc) que parecem espalhar-se pelas sete colinas, sete dias por semana de dia e de noite.



Fig. 7 – Lisboa (amanhecer / pôr do sol / noite)

A resposta de revitalização para os núcleos históricos urbanos degradados deverá ter em conta uma perspectiva de planeamento sensível, parcelar e individualizada. É importante averiguar as causas da estagnação da revitalização urbana nas nossas cidades e encontrar medidas para a dinamização desse mesmo processo no nosso país, podendo o enriquecimento da oferta turística a nível de experiências, conteúdos e eventos e salvaguarda do património, ser um contributo para a qualidade urbana, ambiental e paisagística dos núcleos históricos das sete colinas de Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

ASCHER, François (2010) “Novos princípios do urbanismo seguido de novos compromissos urbanos um léxico”, Livros Horizonte, tradução Margarida Sousa Lobo (inclui obras de Ascher de 2001 e 2008);

CHAMBERS, Erve (1997) *Tourism and Culture*, Univ NY Press;

CHOAY, Françoise (2001) *A Alegoria do Património*, São Paulo;

BARROS, Cunha, José, (2004). *A projecção do quotidiano no turismo e no lazer – O lugar dos actores dos contextos e dos paradigmas*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa, ISBN 972-8726-32-5;

DIAS, Reinado (2006) *Turismo e património cultural*. Ed. Saraiva, São Paulo;

Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT) – Propostas para revisão no horizonte 2015 – versão 2.2, Turismo de Portugal;

PINA, Paulo, (1988). *Portugal – O turismo no séc. XX*, Lucidus publicações Lda, Lisboa;

MANICA, Santiago (2013) *Lisboa – Sete Colinas, Sete Roteiros*;

MARTINS, Clerto (2003) *Turismo, cultura e identidade*, Roca, São Paulo

URB-AL – Europa – América Latina – ANAIS – I encontro bienal sobre Reabilitação Urbana, CML, Lisboa, 1998.